

A economia dos diários de Vargas

MARCELO DE PAIVA ABREU*

O diário como forma literária, embora raro nos trópicos, é cultuado em muitos países, talvez mais nas ilhas britânicas do que em qualquer outra parte do mundo. O mundo dos diaristas anglo-saxões é dominado pelos altíssimos padrões de qualidade impostos por Samuel Pepys — fundador administrativo da Marinha Real a partir de 1660, polímata, *coureur de femmes* — e por James Boswell — anglófilo advogado escocês, biógrafo de Johnson, repórter precursor, também *coureur de femmes*, morto em 1795. Com o progresso da disseminação da informação, os diários passaram a ter sua importância cada vez mais restrita à explicação de mundos especiais e, em particular, dos “corredores do poder” político. Na esteira desta tradição são incontáveis os diaristas políticos de qualidade variável. No período mais recente, por exemplo, os diários de Tony Benn surpreenderam por sua perspicácia.

Na tradição francesa, entre os diários publicados mais recentemente, e que têm interesse econômico, sobressai *Une saison gatée*, de Charles Rist, denúncia digna, por conhecido economista conservador, do abominável comportamento da classe dirigente francesa em 1939-1945.

No Brasil, o marco entre os diários é, curiosamente, uma incompleta obra de semificção, *O Espelho Partido*, de Marques Rebelo, talvez o melhor retrato da capital federal nos anos 30 e 40. Os poucos diários autênticos que me ocorrem são leitura indigesta e de interesse restrito.

Seria ingênuo esperar que os recém publicados diários do maior político brasileiro do século tivessem a excelência literária ou o escopo dos grandes diaristas britânicos. Ou até mesmo a minúcia e franqueza dos diários de Benn. Ou a estatura moral do diário de Rist. Mas seria razoável esperar que os diários de Vargas lançassem luz sobre decisões controvertidas do governo. Sob esse ângulo, o leitor terminará a leitura decepcionado. De fato, não existem, do lado dos assuntos de Estado, revelações que possam rivalizar com as divulgações pessoais. Mesmo no que se refere a assuntos de Estado, o grosso das anotações não passa de um monótono registro da agenda do chefe de Estado.

Os assuntos econômicos ocupam espaço limitado nos diários, espremidos entre as intrigas políticas, com ênfase em aspectos militares e regionais, e os relatos pessoais. Surpreende a exclusão de muitos dos temas de interesse no período: legislação social, a maior parte dos esforços normativos setoriais que caracterizariam a criação do novo Estado cartorial, políticas creditícia e monetária. Os historiadores teriam preferido menos recato quanto às referências a lobistas.

A crença de Vargas na interferência direta do Estado em substituição aos mercados fica, entretanto, evidente, por exemplo, nas menções à abolição da cláusula-ouro, ao que intitula a reforma agrária açucareira e à nacionalização de bancos e empresas de seguros. Em quase nenhum momento são identificados os agentes econômicos que pagam as contas da intervenção estatal, na defesa da liberalização da política cafeeira, em novembro de 1937.

O Vargas dos diários é sempre relutante quanto a pagamentos relativos à dívida externa. Isso é uma novidade, em particular quanto à resistência, em 1939, à retomada de negociações da dívida externa, cujo serviço havia sido suspenso em 1937. Os militares eram apresentados como críticos da posição de Oswaldo Aranha, favorável as negociações. Fica claro, dos diários, que é Vargas que está contra o seu ministro das Relações Exteriores.

Não se entende porque as notas aos diários reiteram a interpretação de que o discurso de Vargas em 11/6/40, no encouraçado *Minas Gerais*, teria sido vital para convencer os norte-americanos a financiarem Volta Redonda. O próprio Vargas registra no diário, dez dias antes do discurso, que os Estados Unidos já haviam concordado em financiar a usina. O discurso do *Minas Gerais*, pró-Eixo, foi preponderantemente para consumo interno. Os Estados Unidos registraram em documentos oficiais a ineficácia do negaceio de Vargas entre Berlim e Washington. Para que a alternativa alemã fosse crível, teria que não ser levada em conta a capacidade de bloqueio da Marinha britânica.

É difícil deixar de concordar com as dúvidas do próprio Vargas no diário: “Estas anotações terão algum valor lançadas, assim apressadas, apressadamente, sem forma, palidamente, truncadas, defeituosas, abrangendo superficialmente apenas alguns fatos?” A resposta é que seu valor é bem modesto. Leitura obrigatória, decepção quase certa.

* Marcelo Paiva Abreu é Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.